

Pesquisa participativa: novas vias de estudo da relação entre jornalismo e democracia

Maria José Brites

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedades (CECS) e Universidade Lusófona do porto (ULP)

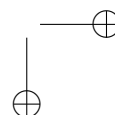
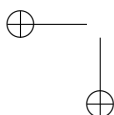
E-mail: britesmariajose@gmail.com

Resumo

É difícil conseguir captar a essência das dietas mediáticas e do pensamento dos cidadãos sobre a democracia, ido além da visão mais tradicional, associada a um pensamento de sentido negativo e de afastamento. Neste artigo indicamos as vantagens de optar por metodologias qualitativas participativas e longitudinais, que permitem melhor apreender atitudes e hábitos e os contextos do quotidiano em que se desenvolvem. Estas opções possibilitam melhor conhecer espaços de micro análise e ainda favorecer ambientes em que os participantes na pesquisa sentem que dão um contributo ativo para o

desenrolar da investigação. Por esta via, consegue-se apreender melhor processos de ligação entre jornalismo e democracia, tendo uma das conclusões deste estudo apontado para processos de ligação próxima entre opiniões sobre jornalismo, democracia e contextos quotidianos. Os jovens que indicaram ter uma visão mais alargada sobre o jornalismo, designadamente percebendo as suas ambivalências e considerando-as inerentes à profissão, foram também os que revelaram maior capacidade para entender a política numa visão alargada do seu significado.

Palavras-chave: jovens, jornalismo, participação, *media*, quotidianos.





Abstract

It is difficult to fully capture the essence of media diets and thoughts of citizens about democracy, far beyond the more traditional view, associated with a negative thought and rejection. In this article we provide the advantages of opting for participatory and longitudinal qualitative methodologies, which allow better understanding of attitudes and habits and everyday contexts in which they develop. These options enable better understanding of micro spaces and also further analysis environments where research participants feel they give an ac-

tive contribution to the progress of the investigation. In this way, it is possible to grasp better bonding processes between journalism and democracy, one of the conclusions of this study pointed to a connection between opinions on journalism, democracy and everyday contexts. Young people who indicated having a broader view on journalism, including perceiving their inconsistencies and considering the inherent to the profession, also showed greater ability to perceive an enlarged meaning of politics.

Keywords: Youth, journalism, participation, media, everyday life.

Introdução

O ESTUDO das relações entre os jovens, o jornalismo e a democracia requer um reforço das metodologias participativas que possibilitem uma leitura apurada e cruzada dos novos contextos cívico-mediáticos dos jovens. Estas inter-relações têm sido estudadas, quer nos estudos dos *media*, quer noutras disciplinas como a psicologia e a sociologia, sobretudo com recurso a inquéritos e entrevistas (alguns em larga escala), centradas ora nos *media* ora na democracia/participação. Consideramos que estas abordagens são insuficientes para captar as multidimensões e particularidades dos contextos sociais e vivências dos jovens e contribuem para o reforço do estigma de que os jovens são alheados do jornalismo e da democracia. Partindo de um estudo longitudinal qualitativo (recorrendo a observação direta, entrevistas e grupos de foco) sobre jovens jornalismo e participação (2010-2011), vamos centrar este artigo na análise de considerações que se cruzam com o jornalismo e a democracia.

As conclusões apontam para grupos de interesses juvenis cívico-mediáticos plurais que interligam interesses pelo jornalismo e pela democracia e





que também são afetados pelas próprias vivências dos jovens, que emergem em toda a sua pluralidade. Essas diferentes visões sobressaem de forma mais clara através das metodologias participativas, cotejadas ao longo do tempo, que nos permitiram entender contextos de vida, diferentes formas de participação e vivências cívico-mediáticas. Esta pluralidade de juventudes e de interesses cívico-mediáticos contribui ainda para pensar melhores formas de atuação pública, que favoreçam um ambiente cívico e de leitura crítica do jornalismo.

Questionamentos democráticos e correspondências metodológicas

As metodologias qualitativas são mais adequadas para compreender os contextos da vida quotidiana, da interação social e dos microcosmos. Conscientes desta potencialidade das metodologias qualitativas, consideramos que para estudar a interligação de áreas tão difíceis como a relação estabelecida pelos jovens com as notícias e com a participação e ainda a ligação do jornalismo com a participação teríamos de optar por esse tipo de metodologias e aprofundar a investigação, com escolhas que melhor dessem resposta às questões que se levantavam.

Isto torna-se imperioso tendo em conta que a investigação nesta área até então feita em Portugal tinha seguido tendencialmente uma linha que não facilitava a compreensão de diferentes realidades, particularidades, contextos e interligações. Em Portugal esta linha de pesquisa relacionada com a participação tem-se pautado pelo uso praticamente exclusivo e destacado de métodos quantitativos no estudo da participação (Ferreira & Silva, 2005; Ferreira, 2006; Magalhães & Sanz Moral, 2008). O mesmo ocorre relativamente ao estudo do consumo mediático entre jovens (Rebelo, 2008; Cardoso, Espanha & Lapa, 2007; Cardoso, Espanha, Lapa & Araújo, 2009) e na relação entre *media*, jornalismo e a participação (Menezes, 2011). Além disso, havia poucos estudos de recepção centrados particularmente nas notícias, exceto Leote e Serrão (2008; 2009), Brites (2010a; 2011; 2012) e Marôpo (2012).

Para chegar a respostas que apontam para uma ideia do que é a notícia e política e perceber os nexos entre ambas é preciso entender contextos ou indicativos diversos sobre essas mesmas ideias. A investigação longitudinal





facilita o entendimento dos contextos quotidianos, atitudes e comportamentos que são sustentados ao longo do tempo. Também permite apreender as contingências de momentos que podem ser insignificantes quando isolados, mas adquirir relevância quando considerados num contexto mais vasto ou quando repetidos (Gurevitch & Blumler, 2004). Jenny Kitzinger (2004) aponta para um factor que pareceu ser fundamental, a necessidade de pensar a investigação pela perspectiva do olhar de um mesmo grupo de jovens, acompanhado ao longo do tempo. Esta opção foi especialmente desafiante, por levantar a necessidade de manter os mesmos sujeitos interessados na pesquisa ao longo do tempo.

Ruspini indica a existência de três modelos mais comuns de pesquisas longitudinais. O *trend*, que é feito ao longo do tempo, usando diferentes amostras ou mesmo completamente diferentes; o *panel*, que pressupõe que se entrevistem as mesmas pessoas ao longo do tempo, relativamente aos mesmos assuntos; e o que se refere a *um acontecimento na história*, neste caso os entrevistados são convidados a recordarem-se de eventos que deverão relatar e reconstruir (Ruspini, 2002: 3; Babbie, 2011: 111-113). O estudo que aqui é apresentado poderá incluir-se entre a segunda e a terceira, uma vez que as entrevistas e os grupos de foco foram feitos com os mesmos informantes, foram colocadas perguntas de memória biográfica, mas nem todas as questões se repetiram no tempo. Aliás, apenas uma pequena amostra de questões serviu esse propósito. A pesquisa longitudinal tem o propósito de permitir uma análise que acompanha a história dos fenómenos sociais, evidenciar as diferenças entre períodos, explicar a evolução segundo características como género e classe; por último, permite melhor compreender antecedentes (Ruspini, 2002: 25).

Quando as pesquisas centradas nas audiências e nas suas posições face aos *media* começaram a ter relevância na década de 80, salientaram a necessidade de um enfoque qualitativo, capaz de possibilitar uma compreensão holística dos fenómenos sociais. Mas é importante questionar a pesquisa, os seus objetivos, meios e implicações possíveis, interrogando a ontologia da pesquisa (Höijer, 2008: 276). Numa investigação qualitativa, estas questões ainda se colocam de uma forma mais aprofundada, uma vez que ela poderá ter de corresponder a mais propósitos de validação. Birgitta Höijer (2008: 279) questiona desde logo quem são os entrevistados e o que representam eles mesmos para serem escolhidos? A que grupos sociais pertencem? Eles devem ser





bons informantes/informantes privilegiados (Costa, 1986; Höijer, 2008) para proporcionarem respostas às questões de investigação.

Ao longo do tempo, durante a observação direta, a presença do investigador no terreno acaba por de alguma forma induzir as interações sociais (embora de forma menos evidente do que na observação participante), contribuindo para uma certa reorganização do campo em análise. O ponto de partida em que o investigador pretende manter uma certa distância dos espaços e elementos observados vai acabar por ser reconfigurado pois, como refere Firmino da Costa, “na interação social não se pode não comunicar” (Costa, 1986: 135).

A observação no terreno configura-se ainda como a possibilidade de obter respostas sem fazer perguntas (Costa, 1986: 138). Outra das vantagens desta aproximação ao terreno é precisamente a de se passar a interagir com os chamados “‘informantes privilegiados’, que são escolhidos por ocuparem lugares de preponderância na unidade social em estudo” (Costa, 1986: 139). É, porém, preciso ter alguns cuidados de partida relativamente ao posicionamento do investigador no local. Há, diríamos, um certo saber-estar que fundamenta a regra para que o que possa ser uma intervenção no social com relativo pouco impacto, evitando que o pesquisador se transforme numa curiosidade inusitada. “Mesmo neste caso limite, a observação tem que ser, de algum modo, participante. E a familiarização com o objeto de estudo é um contraponto indispensável ao igualmente necessário distanciamento” (Costa, 1986: 135). A observação direta subentende algum anonimato por parte do investigador, no sentido de que a forma como se desloca no terreno não é muito diretiva e presente. Este tipo de proposta serve essencialmente para compreender espaços e relações/interconexões nas áreas em que os indivíduos se movimentam. Não envolve interações verbais específicas com os objetos de estudo (Costa, 1986: 136). Pressupõe-se que se sigam os observados com pouca ou nenhuma interação (Bernard, 2006: 347), observar apenas ao ver e ao ouvir.

Relativamente à entrevista, importa recordar que historicamente a primeira pessoa a conduzir uma pesquisa social com recurso a esta técnica foi Charles Booth, que em 1886 iniciou uma investigação sobre as condições sociais e económicas das populações de Londres. Nesse trabalho, Booth não se limitou a fazer as entrevistas, também cruzou esta metodologia com as observações etnográficas. O trabalho inspirou muitos outros que se lhe seguiram em Londres e nos Estados Unidos, neste último caso muito particularmente em Filadélfia e em Chicago. Rapidamente, esta técnica de pesquisa tornou-se



imprescindível entre pesquisadores que queriam conhecer melhor as grandes cidades e os seus problemas.

No âmbito da universidade, foi precisamente na Escola de Chicago, no início do século XX, com Robert Park, que se difundiram numerosos estudos sobre a cidade e os seus problemas sociais, que tinham a entrevista como uma das bases de trabalho. A Escola de Chicago colocou o indivíduo como a referência da problemática da sua relação com a sociedade, lançando-se nas teorias da interação e na sociologia do quotidiano. No contexto da Escola de Chicago, a entrevista, especialmente usada nos trabalhos de Nels Anderson e de Frederic Thrasher, este último sobre membros de gangues de Chicago, veio contribuir para que esta Escola de certa forma respondesse positivamente àqueles que a criticavam por se cingir muito aos estudos etnográficos, com ausência de atividade analítica. Assim, os seus estudos passaram a incluir, além das observações etnográficas e documentais, também as entrevistas, que facilitavam a estruturação da recolha de dados.

Nos anos 50 e 60 do século XX o interesse na entrevista alterou-se. Já não era importante enquanto instrumento qualitativo para compreender os elementos sociais, mas sim para mensurar informação. Esta não era uma característica nova, uma vez que já tinha sido inventariada nas sondagens dos inícios do século XX. A esta mudança não foi alheio o facto de durante a II Guerra Mundial se ter recorrido ao uso de inquéritos no seio do exército norte-americano, que contratou sociólogos e especialistas para a sua implementação para analisarem o estado mental e emocional dos soldados (muito à semelhança do que tinha sucedido no conflito anterior). Esta situação acabou por influenciar o trabalho académico empírico que passou a ser, em boa medida, suportado pelo inquérito e a ter um carácter mais quantitativo e, supostamente, mais objetivo.

Regressando à pesquisa qualitativa, importa agora pensar sumariamente os grupos de foco, fundamentais para entender as interações de grupo e o indivíduo no colectivo. Nesta linha, outra das opções que tivemos foi a de realizar grupos de foco, também designados como grupos focais e grupos de discussão focalizada. Têm uma história muito enraizada no âmbito das pesquisas de mercado, nos estudos médicos. Em todo o caso, nas últimas décadas têm tido uma maior importância na pesquisa social, sendo esta a que nos interessa e aquela a que daremos atenção. As suas origens na ciência social remontam ao trabalho de Paul Lazarsfeld e de Robert Merton, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em 1941, quando pesquisavam as



reações às emissões de rádio durante a guerra. Aliás, Merton chegou mesmo a publicar um livro sobre grupos de foco no pós-guerra (1956). Nos anos 90, trabalhos de Sonia Livingstone e de Peter Lunt recuperaram os grupos de foco como ferramentas para melhor compreenderem de forma qualitativa como as audiências entendem e interpretam as mensagens dos *media* (Puchta & Potter, 2004) de forma interrelacional.

Os participantes como sujeitos de pesquisa

Estas opções de investigação foram além dos pressupostos base das metodologias qualitativas, com a procura de um desenho longitudinal da investigação que aponta para uma combinação de métodos e estratégias. Recorreu-se, deste modo, à observação direta, a entrevistas semiestruturadas em momentos diferentes, assim como a grupos de foco. Ao longo do processo, fomentou-se o papel ativo dos participantes, também entendidos como *quasi*-investigadores, na medida em que refletiram sobre os resultados da pesquisa e eles mesmos fizeram os seus mini-projetos de entrevista. Envolver jovens na pesquisa afigurou-se como um elemento relevante da pesquisa participatória (Higgins, Nairn e Sligo, 2007; Wijnen & Trultsch, 2014). Num estudo longitudinal de sete anos, finalizado em 2012, conduzido na Universidade de Örebro, na Suécia, sobre socialização política e agência, defende-se a necessidade de entender os jovens como agentes ativos da sua socialização, contrariando o que tem sido a pesquisa nesta matéria, que os tem encarado como atores eventualmente principais mas seguramente passivos (Amnå, Ekström, Kerr & Stattin, 2009: 27). Os mesmos autores suecos reconhecem o desafio que a eles mesmos se lhes coloca, tendo em conta a falta de investigação longitudinal sobre socialização política ao longo do tempo (Amnå *et al*, 2009: 29). É necessário ter presente o desafio de investigar sobre crianças e *com* as crianças, colocando-os na categoria de sujeitos e atores, próximos dos seus contextos de vida favorecem uma auscultação mais exaustiva (Ponte, 2011).

Inegável é, deste modo, o imperativo que se estabeleceu ao longo da investigação que aqui apresentamos de considerar os participantes como sujeitos ativos da pesquisa (Mathieu & Brites, 2015). A forma como eles se integraram constituiu, consideramos, uma forma de validação da própria pesquisa que tinha como ponto de partida um tema que parecia não ligar com os interesses





dos jovens, isto já para não falar da distância que as investigações costumam imprimir entre o investigador e o participante na pesquisa.

Estas considerações sobre metodologias são relevantes para pensar como a investigação pode dar respostas diferenciadas sobre uma mesma realidade, neste sentido indo mais fundo na análise percebendo contextos particulares que podem escapar a opções de investigação que têm um carácter mais efêmero. Julgamos que este tipo de opção em que há um carácter longitudinal, participatório, contextual e reflexivo (Mathieu & Brites, 2015) permite leituras mais aprofundadas de contextos de leitura difícil como estas ligações entre jovens, jornalismo e participação, ou seja, com a preocupação de atender a percepções sobre o que é notícia e jornalismo e sobre o que é política.

Orientações metodológicas

A pesquisa foi esboçada para dar resposta a questões, considerando em particular questões éticas, de integridade e de objetividade (Lobe, Livingstone & Haddon, 2007: 6). Numa perspetiva interpretativa e crítica da realidade, o investigador social tem a tarefa de tentar ver metodologicamente como é que um objeto poderia ser de outra forma, para além de o tentar compreender como é. Aqui concentra-se uma perspetiva construtivista, na qual o pesquisador assume que não pode despir a sua pele. É enganoso pensar que o pesquisador se “esquece” ou “despoja” dos seus contextos pessoais para pesquisar de uma forma objetiva. Assumir esta posição crítica facilitar uma leitura mais imparcial da realidade.

Pretendendo ter uma leitura diversificada que desse conta de diversas amplitudes sociais, estabelecemos uma amostra diversificada (escolhendo sujeitos com várias formas de participação na sociedade – grafito, criação de letras/músicas, juventudes partidárias, assembleia de bairro, jornais escolares, Parlamento dos Jovens – e oriundos de contextos sociais diversos – bairro de habitação social, escola profissional, escola pública em área de residencial de classe média-alta, de áreas urbanas e suburbanas) e balizamos as idades entre os 15-18 anos. Esta faixa etária foi assim definida por ser considerada em estudos específicos como menos participativa e menos interessada em política (Ferreira, 2006; Magalhães & Sanz Moral, 2008) e, como tal, tornava-se



ainda mais desafiante, até pela possível ausência de interesse pelos temas e pela investigação.

O contacto com os participantes efetivou-se durante a observação direta e ainda em três momentos específicos e centrais. Em Março de 2010 iniciámos a primeira fase de entrevistas (por 32 jovens, entre os quais 15 raparigas e 17 rapazes); em Janeiro de 2011, começou a segunda ronda de entrevistas, que envolveram então 27 dos 32 jovens; Por fim, houve duas fases de grupos de foco (grupos de foco tradicionais=14 jovens; grupos de foco participatórios=9 jovens). Denominamos de grupos de foco de participatórios ao momento em que participantes e investigadora se reuniram para a apresentação, debate e opinião crítica sobre as minientrevistas que os jovens conduziram sobre temas que tinham sido abordados nos grupos de foco tradicionais e ao longo da investigação (sobre jornalismo e participação), atuando, desta forma, como *quasi*-investigadores (Brites, 2015; Mathieu & Brites, 2015). Deste modo, optámos também por tirar partido de técnicas muito usadas nas ciências sociais (entrevista e grupos de foco), mas tentámos alargar as suas fronteiras, inovando o modo como são concretizados (Mathieu & Brites, 2015).

Como já apontámos atrás, neste âmbito, um dos maiores desafios sentidos ao longo do estudo longitudinal foi manter os informantes interessados no estudo, não só para se sentirem à vontade para contribuírem de forma favorável como para o fazerem ao longo do tempo. Os 32 jovens que participaram na pesquisa, como indicámos acima, foram escolhidos porque tinham múltiplas formas de participação, desde a convencional à não convencional, e de alguma forma representavam diversas proveniências sociais, seguindo uma lógica de que poderiam funcionar como bons informantes/informantes privilegiados (Costa, 1986; Höijer, 2008) por terem essa diversidade mas também por de alguma forma representarem determinados tipos de consumo de notícias e de participações (desde os mais intensos e diversificados aos menos intensos e delimitados).

Numa investigação na qual se abordaram temáticas como a política, a participação e as notícias, o desafio de manter estes jovens interessados foi ainda maior. Conseguir que os menos interessados nestes assuntos se fossem mantendo ligados a uma investigação que poderiam considerar “fatigante” e, por outro, fazer com que os que evidenciavam níveis de participação elevados e interesse nas notícias se mantivessem a par de um projeto que, a dada altura,



poderia deixar se ser suficientemente interessante no contexto das suas atividades mais aprofundadas.

O facto de estes jovens considerarem que a pesquisa criou um ambiente favorável a exprimirem as suas opiniões de forma livre e o facto de sentirem que essas opiniões contaram em termos de evolução da pesquisa foram apontados como factores de favorecimento da sua manutenção na investigação. A reflexão associada à participação no estudo oscilou em duas esferas: na pessoal, centrada na forma como a investigação se refletiu neles mesmos, e nas indicações/questões/referências que foram fazendo sobre a própria pesquisa (Brites, 2015).

Iremos dar enfoque especial a questões colocadas aos participantes sobre o que é a notícia/jornalismo e sobre o que é a política, fazendo conexões com contextos e opiniões sobre democracia.

Cruzamentos entre jornalismo, política e democracia

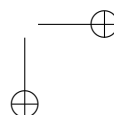
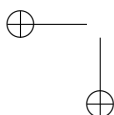
Definições restritas de política e de jornalismo

Encontrámos perspectivas matizadas sobre o que é notícia e isso surgiu sobretudo em contextos de conversa em que a pergunta não foi feita de forma direta – ou pelo menos foi mais fácil apontar o que é notícia fora dessa questão direta.

Pensando no que pode ser identificado como notícia, foi levantado o problema de o jornalismo nem sempre ser verdadeiro e ampliar os acontecimentos, em especial os negativos, aqui referenciando um assunto ligado ao “bairro” (uma das zonas urbanas onde decorreu a investigação, num dos bairros de habitação social localizados na zona mais contrastada socialmente da área urbana do Porto):

“– Muitas das vezes, entre os bairros, quando há porrada e assim, vem no Jornal de Notícias, se for muito grave, vem a dizer como foi. Quem está no acidente que viu, deu uma coisa e no jornal já dizem coisas que se calhar não existem e na televisão também já contam de uma forma completamente diferente.

– Estás a dizer que deveria haver mais rigor?



– *Sim, claro, os jornalistas e as notícias deveriam ser mais rigorosos.*” (Beatriz, E2)

Ao longo do estudo, nem sempre foi fácil definir notícia apesar de todos pensarem que têm uma noção do que pode ser. Como vemos neste excerto atrás, o rigor é um dos identificativos, penalizados por uma cobertura noticiosa indicada como discriminatória, denotando um sentimento de quem está perto dos contextos de vulnerabilidade. A notícia é ainda “*ui! [pausa] ... um bocado do mundo!*” (Dino, E2) e há um carácter difícil de definir e a possibilidade de se esvaír ao longo do tempo: “*à medida que se vai avançando, ou se vai dar maior destaque a essa notícia ou vai-se perdendo um pouco. Houve há pouco tempo aquilo do Carlos Castro e do Renato Seabra. Ao início foi muito falado, agora vai perdendo o seu interesse*” (Vasco, E2).

Quando questionados sobre se já tinham aparecido nas notícias, o Fernando apareceu numa manifestação na escola e o Vasco surgiu na televisão por ter estado num evento cultural da cidade do Porto. A Beatriz referiu-se a uma reportagem (quatro anos antes) no bairro sobre crianças e jovens em “*maus cuidados*”, tendo os jornalistas tirado uma fotografia a um grupo, no qual ela foi incluída, apesar de na realidade não o integrar, pois nem sequer residia no bairro. Sobretudo ao longo da entrevista 1, a Beatriz foi fazendo comentários a esta reportagem e à ideia tendencialmente negativa que tem de outras reportagens semelhantes em bairros. Maria João Leote e Juliana Serrão (2009) identificaram representações análogas em jovens institucionalizados. Lidia Marôpo, que conduziu uma investigação-ação num bairro de habitação social nos arredores de Lisboa, conclui que, entre os jovens (9-16 anos), a forma como são retratados pelos *media* os une num discurso de “uma imagem inferiorizada onde ‘nós’ temos sempre que enfrentar a suspeição e transpor inúmeras barreiras para tentarmos nos relacionar em pé de igualdade com os ‘outros’ e sermos reconhecidos como ‘pessoas normais’, dignas de respeito” (Marôpo, 2012: 13).

Durante os grupos de foco, foram apresentadas fotografias sobre as manifestações da Geração à Rasca em 2011 em Portugal. Como neste grupo não havia uma consciência muito ativa do significado das manifestações, foram encaradas mais como *fait-divers* do que propriamente como um evento participativo cujo significado conhecessem. A avaliação ficou-se muito pelo discurso da internet como espaço de modernidade, os comentários centraram-se

nas notícias sobre as manifestações pelo lado da inviabilidade real dos protestos e também pela superficialidade “cool” do “like” do Facebook. A internet provoca uma identificação de participação em sociedade, mesmo quando não é esse o caso.

– *Dino: Quando vi, pensei nas notícias sobre as manifestações... [ri-se]*

– *Beatriz: Acho que isso é uma perda de tempo. Não vale a pena fazer isso...*

– *Dino: Vale.*

– *Beatriz: ...é mais uma notícia menos uma notícia.*

– *Manuela: Eles conseguiram alguma coisa com a manifestação?!*

– *Beatriz: Não!!!*

– *Vasco: Mas por exemplo, nesta foto aqui pelo menos para mim destaca-se pelo facto de terem brincado com aquela coisa do like para jogar a favor deles, enquanto aqui são cartazes, é vulgar...”*
(GF1)

Depois deste grupo de foco tradicional, os participantes foram convidados a fazer entrevistas com outros jovens sobre temas que tinham sido abordados ao longo da investigação. As minientrevistas que fizeram junto de amigos próximos incidiram sobre temas da atualidade, inclusive economia, e sobre notícias difundidos em *media* tradicionais. Importa anotar que os *media* tradicionais, como TV e jornais impressos, tinham sido reconhecidos como caixas de ressonância de notícias (contrariando a ideia hegemónica de que os jovens só estão ligados à internet). Além disso, estes jovens durante as entrevistas e grupos de foco disseram não se interessar especialmente por notícias de temas mais comuns aos adultos, como a economia. Porém, o Dino, por exemplo, fez a minientrevista a um amigo e centrou-se em questões económicas ligadas à crise. Apesar de, para os participantes envolvidos, este exercício ter sido difícil de executar, particularmente porque implicava falarem de temas que não dominavam e sobre os quais não costumavam conversar com outras pessoas, acabou por ser um momento (quando apresentaram os dados recolhidos no grupo de foco participatório) de união entre eles e de entreajuda para ultrapassarem a emoção de exporem o trabalho ao grupo.

O processo de realização, apresentação e reflexão sobre as minientrevistas, muito em especial no bairro de habitação social, foi ainda importante para se reafirmar que quando os jovens são levados a pensar e agir mais facilmente optam por tratar temas que não dominam e que os desafiam a pensar sobre o mundo que os rodeia. O exercício poderia ter sido mais acessível para o Dino se tivesse optado por fazer algo mais fácil que não o interpelasse tanto, mas também não o expusesse a obstáculos. Apesar das dificuldades de expressão em público e de pensar questões económicas mais profundas, encarou a proposta como um desafio que não queria deixar escapar sem mostrar que podia ir mais além e desafiar-se a si mesmo. Esta ação pode também ser entendida como uma opção de contra rotina, tendo em conta que o Dino apresentava baixos rendimentos escolares e formas de participação fragmentárias ao longo do tempo de investigação.

Além de uma visão em que as notícias são apresentadas em ligação a fatores de risco e como sendo tendenciosas de forma negativa em relação a determinadas comunidades, as notícias também são entendidas na sua dinâmica social para o crescimento das identidades de forma ativa, em especial junto de jovens com formas de participação sobretudo potenciadas pela escola. Não significam apenas o adquirir conhecimento circunstancial, centram-se antes na tentativa de que ela seja útil, algo que é visível. Servem para planear o futuro, para desenvolver opiniões, para conversar, para a realização de trabalho, para estar atualizado sobre o mundo.

“– Para saber com o que posso contar e com o que não posso contar. Planear o meu futuro.” (Marta, E2)

“– Servem para desenvolver opiniões.” (Teodoro, E2)

“– Primeiro porque tenho necessidade de me manter informada, segundo pelos pais que tenho, terceiro porque é essencial manter-me informada, uma pessoa que não saiba o que está a acontecer no mundo [...] Dá jeito para o nosso futuro.” (Anita, E2)

“– As notícias servem para estudar e conversar.” (Carminho, E2)

“– Gosto de estar informada e de saber o que se anda a passar e agora também me dá jeito para realização do meu trabalho.” (Paula, E2)

“Fico mais bem disposto [a ver notícias de desporto] ! Mesmo que o meu clube perca, não fico triste!” (Tito, E2)

Para estes jovens, a notícia, associada à ideia de relato de acontecimento, também deve ser fidedigna, apoiada em fontes credíveis e evitar o sensacionalismo [*“as sensacionalistas não deveriam ser notícias. Há muitas coisas, tipo Correio da Manhã, 24horas, que é invadir a privacidade das pessoas, divulgar factos que não interessam ao país”* (Fátima, E2)]. Associaram a ideia de notícia a causas nobres, à democracia e às notícias nacionais. As notícias são ainda identificadas com a necessidade de inserção na sociedade.

Já no que concerne à definição de política, um dos aspetos mais ligados a uma desmotivação é a associação da definição a um conceito dominante e restrito de política. Este foi visto como negativo (não só nas palavras como nas expressões corporais). O que verificámos foi que nos casos em que a política foi encarada sob um ponto de vista restrito e cínico, como entre os jovens que as identificaram como risco e também entre os jovens em que a escola era um espaço dominante (por vezes único) em termos de participação, as notícias também tiveram um enquadramento restrito.

Verificou-se uma maior tendência de aliar as definições de política a um sentido tradicional da resposta e também uma propensão nesses casos para ser dada por quem tinha indicado uma definição tradicional de notícia. Quando levados a pensar diretamente sobre política, foram mais restritos e revelam dificuldade para refletir em termos mais alargados.

“– Ai... hum... a política é todo um conjunto de... então a política diz respeito a toda a vida diplomática do país... quer dizer pode ser local... é complicado... ai não sei.

– Podes pensar um pouco...

– ... política? É todo um conjunto de assuntos relacionadas com a gestão de um país e todos os assuntos que daí advêm.

– E sem ser restrito, ligado às instituições?

– No nosso país o termo política já começa a ser depreciativo, parece que é sempre mais do mesmo, houve eleições e a percentagem de abstenção é assustadora. Isso reflete o desligar das pessoas... era preciso as pessoas fazerem uma revolta no país.” (Fátima, E2)

“– O que vejo na política é uma maneira de governar. Um país, uma nação, a comunidade europeia, formar regras e cumprir regras e formar novas maneiras de fazer com que o país avance.

O presidente não sei o que está lá a fazer. O primeiro-ministro. Bem esse é outro. Eu sei que o presidente da república aprova aquilo que é votado no parlamento. O presidente da república de acordo com o que acha melhor para o país, vai aceitar ou não.

– E sem ser restrito ao presidente, ao governo e à assembleia? Quem pode fazer política?

– [pausa] *Acho que a nossa cabeça está demasiado focada nesse tipo de política.*” (Cândida, E2)

Entre as desmotivações relativamente à política, evidenciou-se a indicação de que era difícil definir/explicar o que é política. Encontra-se ainda algum cruzamento desta dimensão com a anterior, ou seja, apontar para política restrita e depois ter dificuldade em pensá-la de forma mais alargada. Esta falta de definição é sobretudo sentida na política e junto dos jovens que identificaram as notícias com risco/perigo e junto dos jovens que centravam as suas atividades de participação no que era favorecido pela escola. E isso não significa, em todo o caso, que não tenham capacidade interventiva.

“– *Ui! Para mim a política... sei lá... não faço a mínima... deixe-me pensar!* [pausa] *Política?*

– Quando pensas em política no que pensas?

– *Sei lá, em tudo, como esta o país e política é candidatarem-se para ficar melhor o país? Será!??*

– E se pensares na política de uma forma mais alargada? Não apenas nas instituições, quem pode fazer política?

– *O povo? O povo pode fazer política. Essa pergunta é bastante complicada. Não respondi mal, pois não???*” (Beatriz, E2)

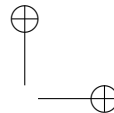
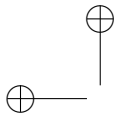
“– O que é para ti política?

– [pausa longa] *Política...*

– Podes pensar de uma forma mais abrangente, sem ser diretamente relacionada com os partidos e a assembleia...

– *Talvez* [pausa longa e risos] *talvez uma maneira de... não sei...*” (Marta, E2)

No que concerne a política, é de anotar que as desmotivações para a participação devem ser elementos a ter em consideração na elaboração de um



possível modelo motivacional. Alguns dos elementos identificados como desmotivadores (como a relação desigual de poder entre jovens e adultos, como os conceitos dominantes, a dificuldade de fazer ou de entender, o mau funcionamento e a falta de voz dos jovens) prejudicam (sem isso querer significar evitar de todo) a relação entre os jovens cidadãos e o jornalismo e ainda entre jovens cidadãos e formas de participação. Estes fatores são desmotivadores, em todo caso importa apontar que para participar tem de haver um determinado nível de motivação.

Para estes participantes, a investigação ao longo do tempo e de forma qualitativa permitiu perceber como por exemplo as suas formas de participação estavam dependentes das oportunidades escolares e também dos pequenos incentivos e apoios que tinham para se manterem ativos. Relativamente às notícias, só uma perspectiva de investigação ao longo do tempo permitiu compreender a relevância das notícias televisivas e do tipo de papel mediador da família nestes consumos. A mediação familiar junto dos jovens influenciados pelas oportunidades da escola incluía o diálogo entre adultos e jovens, enquanto no caso anterior – dos jovens do bairro de habitação social – havia uma mediação, mas os jovens estavam excluídos do debate, sendo-lhes reservado um papel de ouvintes das conversas tidas entre adultos.

Jovens mais politizados e mais participativos consideram informação como uma inerência do dia a dia

Já os jovens que se mostram mais intensivamente ligados ao consumo de notícias, revelaram as opiniões mais favoráveis, mesmo quando dizem que as notícias estão comprometidas consideram que é uma inerência da prática jornalística e que os públicos deverão estar preparados para descodificar os contextos e as peças jornalísticas.

Indicaram uma visão crítica dos *media* e do jornalismo, com o entendimento de que é preciso ler muito e em vários sítios para poder ter uma opinião sobre o mundo. A seleção que fazem da informação é feita de forma crítica e não pelo somatório do que tem mais elementos comuns em diferentes *media* ou sites. Os jornalistas, embora sejam identificados como dominados pelos grupos económicos, como sendo de “de direita” e de “esquerda”, são encarados como fundamentais à evolução da democracia.



“– *Devemos distinguir os jornalistas dos media. Uma coisa são os jornalistas que são trabalhadores e que pagam-lhes, às vezes mal, para trabalharem muito. Eu já quis ser jornalista e depois deixei-me disso. Depois temos de ver o papel dos media, os media são altamente dominados pelos grupos económicos e a informação que passam é altamente tendenciosa. [...] Há um interesse em manter um jornal que é altamente tendencioso. Eu gosto de ler o Público todos os dias para me rir. Acho que não há um leque suficiente de informação, aquilo são os grandes grupos económicos e têm uma ideologia parecida. Isto é uma questão muito complexa, é acerca de quem pode pagar para ter jornais.*”
(Natércia, E1)

Joaquim aponta ainda para outro elemento que foi aflorado pela Natércia, Rui e Lito: o poder do jornalismo. “*Os media têm um poder inimaginável. A maior parte das pessoas não tem a noção do poder da imprensa! [...] Noutros países a imprensa é muito mais agressiva e frontal. Não que eu ache que o que não é nosso é que é bom. Não se deve deixar que o Sócrates manipule as entrevistas*” (Joaquim, E1).

Estes jovens mais engajados são os que mais acesso têm aos *media* tradicionais enquanto produtores de conteúdos, designadamente assinando crónicas e artigos de opinião. Em 2010 só dois é que não tinham aparecido nas notícias (Carlos e Estela). A visibilidade é feita sobretudo através de ações dos partidos. Ou, num dos casos, através da presença numa assembleia municipal aberta ao público, tendo o jornalista do *Jornal de Notícias* utilizado o que o Joaquim dissera na assembleia como fonte para a sua peça.

A Natércia e o Rui referiram-se ao facto de terem aparecido nas notícias e de o trabalho dos jornalistas ter sido tendencioso. Fizeram-no nas duas fases de entrevistas, na segunda mesmo sem terem sido questionados quanto a esse assunto.

Cruzando isto com a cobertura noticiosa de juventude durante campanhas eleitorais, reforçamos que este foi um dos aspetos constatado quando analisámos notícias sobre jovens durante campanhas noticiosas de 2009 (Brites, 2010b).

“– Durante a campanha participaste de alguma forma, seja em *media* ou noutras situações?

– *Comícios no Porto, distribuições, comício no Palácio de Cristal, dei uma entrevista a uma jornalista da RTP, que veio fazer perguntas, mas parte das minhas respostas foram cortadas, não me revejo no que saiu. Primeiro as perguntas que fez, parecia que estava a falar com uma pessoa que não percebia de nada. A primeira pergunta foi: estás aqui por causa do espetáculo ou por causa dos políticos? Até fez essa pergunta a uma colega, a jornalista perguntou-lhe se sabia quem era o candidato e ela disse que sabia, [nome], depois na notícia veio que ela tinha ido para ver os candidatos, parecia que estava ali e que não sabia no que estava. Comigo fez a mesma pergunta, se eu estava ali pelo [nome] e se o discurso dele iria influenciar a minha escolha, eu disse que não, que estava decidido, era a primeira vez que ia votar e ia votar nele, perguntou porquê, eu disse que ele tinha propostas para a juventude e estava contra o orçamento de Estado, essa explicação não passou, só disseram que eu ia votar no [nome], se eu tivesse dito que ia votar porque os meus pais iam votar, talvez tivesse passado!” (Rui, E2)*

Especialmente os jovens que fazem parte de partidos minoritários de esquerda mostraram um sentido crítico apurado em relação a opções dos *media* tradicionais na cobertura de eleições e da campanha e, nas palavras do Rui, isso é confirmado pelo que constatámos na análise da cobertura da juventude nas eleições 2009 (Brites, 2010b).

Em 2010, as suas preocupações com a atualidade centraram-se nos temas do emprego e da educação, saúde, mundo rural, *scuts*, debates na Assembleia da República, desemprego jovem, crise, eleições. O Lito era o mais centrado em questões abrangentes (políticas, económicas, sociais) que pensam Portugal no contexto económico e social da Europa e do mundo e nos novos movimentos sociais e o Rui em questões globais de direitos humanos.

Em 2011, a Natércia manteve as mesmas preocupações [*“Eu acho essencialmente pela motivação que tem a ver com as minhas tarefas e com a minha vida pessoal, coisas ligadas aos jovens, nomeadamente a educação, e depois as outras coisas que vão passando, as coisas mais badaladas”* (Natércia, E2)]. O Joaquim refere o empreendedorismo, portugueses de destaque no estrangeiro ou iniciativas portuguesas de sucesso, o Lito preocupa-se com a



economia, agenda cultural, vê blogues de pessoas conhecidas. Nesta mesma linha, o Rui centra-se em blogues de jornalistas, “*normalmente dizem mais do que dizem nas televisões e nos jornais, sentem-se mais à vontade.*” (Rui, E2).

De salientar ainda estes jovens engajados que participaram nos grupos de foco participatórios mantiveram a coerência que lhe era conhecida desde o início da investigação e aproveitaram para fazer minientrevistas junto de diversas pessoas (desde familiares até amigos e colegas, de várias idades), muito embora apenas tivesse sido pedido que fizessem as minientrevistas com amigos/jovens. Foi-lhes mais fácil aproveitar a oportunidade para falarem de participação e de notícias com pessoas que consideravam serem apáticas em relação às notícias e à participação, mas também com familiares próximos com os quais costumavam abordar estes temas, mas não com este enquadramento diferenciado. Também denotaram à-vontade em apresentarem os dados ao grupo.

Estes jovens mais engajados (inclusive nas juventudes partidárias) e que consumiam notícias de forma mais intensa foram os que deram respostas com definições mais alargadas de política.

“– *A nossa concepção de política é bastante alargada, a política não é apenas a Assembleia da República e fazer uns debates na televisão. Conversar na escola com um amigo que diz que a sande de queijo está muito cara no bar, isto é política, porque demonstra uma capacidade de criticar o que está à volta que é difícil ter. A minha ação é sempre integrada, não consigo despir a camisola, a militância está sempre lá, eu tenho as coisas integradas, não deixo de ser comunista.*” (Natércia, E1)

“– [ri-se] *Para mim política é discutir, dar a nossa opinião em favor de alguma coisa.*

– Nós, cidadãos?

– *Sim, claro. O que nós fazemos, nós jovens, o que tentamos fazer é o melhor pelo país, para que possamos viver cá de forma correta. E não estamos a viver! O que fazemos é dar a nossa opinião.*” (Estela, E2)

“– *Política? Isso agora dava uma resposta... a política de certa forma é o que nós vivemos todos os dias, nós saímos de casa*



e vivemos a política, ao pagar 23% de IVA estamos a viver a política... ou seja, mesmo pessoas que não se interessam estão a viver.” (Rui, E2)

Relativamente a este conjunto de jovens mais engajados, como já apontámos, as metodologias usadas serviram sobretudo para confirmar o que já tinha sido cabalmente identificado na primeira fase de investigação em 2010: a intensidade e diversidade de participação e a importância dada à informação e em particular à jornalística.

Em todo caso, também contribuiu para reconhecer as nuances de saliência da construção pessoal (em todos os casos) e da influência familiar (em alguns) face à construção de um capital cívico, que contribuiu definitivamente para a pró-atividade que estes jovens evidenciaram. Poderemos, designadamente, destacar as referências ao papel incisivo dos avós, sobretudo na infância, no incentivo à leitura de jornais.

Esta constatação faz-nos pensar na vantagem das metodologias usadas, porque servem a possibilidade de compreender zonas cinzentas em que uma investigação mais fragmentária e circunscrita no tempo não permite considerar de forma mais assertiva.

Afastamentos da política tradicional em consonância com afastamento dos *media* tradicionais

No grupo de jovens que mais se afasta das formas de participação e dos *media* noticiosos tradicionais, encontra-se uma crítica mais forte ao papel do jornalismo tradicional. A Jade refere-se à objetividade, mas acrescenta: “*Há muitos jornalistas a criarem o seu blogue, o seu site e exporem lá as notícias. Isso é bom.*” (Jade, E1). A Tânia, que chegou a pensar seguir Jornalismo, refere-se de forma negativa às rotinas: “*Cada vez mais tenho a ideia de que o jornalismo é estar num escritório e fazer as notícias a partir daí, a minha ideia começou a assustar-me. O jornalismo cada vez mais é feito para as necessidades que a sociedade tem, cada vez mais vemos revistas cor-de-rosa, eu sei que vende.*” (Tânia, E1).

A Jade refere-se às questões da objetividade e da subjetividade e neste caso relativizando mais a objetividade do jornalista, que, afinal, não passa de um ser humano

Media tradicionais relevantes entre *writers* e MC

Relativamente ao conjunto de jovens que se mostrou mais autocentrado nos interesses pessoais, verificou-se uma variedade de tipo de consumo de *media* (desde os tradicionais aos não tradicionais), mas inesperadamente uma certificação da importância dos *media* tradicionais, mesmo entre os jovens que tinham atividades não tradicionais (*writers* e MC, ou seja, para melhor explicitar: produtores de *graffiti* e *Master of Ceremony*, *rappers*).

David, que não gosta nada de notícias de futebol, da igreja e de política, lamenta que a RTP e os jornalistas só mostrem isso, que as notícias sejam apenas os temas dominantes. Diz que “*continua a ser importante, por exemplo na RTP, eu disse que o Estado está lá, se não houvesse jornalistas com autoestima suficiente ainda era pior*” (David, E1). Brown é o mais acérrimo defensor da relevância do jornalismo tradicional e dos jornalistas: “*O jornalismo para mim é das profissões mais importantes. Há bons jornalistas e há os jornalistas do YouTube*” (Brown, E1). Fausto diz que uma notícia é algo abrangente e que é divulgado de forma mais distinta, inclusive mantendo a distinção do jornalismo sério do lazer.

Entre os temas da agenda mediática, a visita do papa a Portugal, foi referenciado por todos os *writers* relativamente aos temas que mais os preocupavam quando foram entrevistados. “... *sociais e políticos não. Agora a vinda do papa [na semana da entrevista], já estão a stressar em Lisboa por causa dos clientes, a estação de comboio que ia levar passageiros para ver o papa não funcionou, ou o vulcão...*” (Brown, E1).

Na era da internet, a televisão é tida como meio mais democrático

A relação que os participantes têm com a televisão é diversificada, desde os que a usam de forma mais intensa até aos que optam por outros *media* para consumo de notícias. Em todo caso, verificou-se que este *media* esteve muito ligado à ideia de ser o *media* mais democrático, precisamente por ser um meio que consideram atrair mais pessoas. Este facto não seria totalmente percebido apenas com uma fase de entrevistas. Ao longo do tempo, cruzando entrevistas, grupos de foco e as próprias minientrevistas que os jovens fize-



ram, conseguimos reconhecer não só a relevância que o meio televisão ainda simboliza, mas também os motivos diferenciados pelos quais é visto como o *media* mais democrático.

A televisão foi o *media* mais identificado com a competência democrática do jornalismo, sobretudo com a tónica de que é o que chega a mais pessoas, desde jovens a idosos, até a pessoas menos incluídas digitalmente. Mais do que a referência aos conteúdos, o que passou nos discursos foi a abrangência da divulgação. Isto, mesmo entre os jovens que tinham hábitos de consumo de *media* diversificados e formas de participação diversas e intensas e também junto dos que tinham a internet como *media* salientado em termos de consumo. Nestes casos, seria mais espectável que em termos democráticos pudessem sugerir outros *media*, inclusive a internet, pelo valor pessoal que lhe reconhecem.

“– A televisão é o que as pessoas mais usam, os jovens usam muito a internet, mas há pessoas que não têm acesso e não sabem mexer. E não gostam e a televisão toda a gente assiste.” (Tânia, E2)

Notas conclusivas

Este artigo, julgamos, apresenta uma diversidade de olhares cruzados sobre jornalismo e democracia que só se tornaram possíveis de aferir através de uma investigação de cariz participatório ao longo do tempo. Este desenho metodológico permitiu contactar com o particular, conhecer melhor opções cívico-mediáticas e também uma maior reflexividade, o que não é comum nas investigações quantitativas e/ou casuísticas. A validação dos resultados também foi reforçada por um cotejamento de opiniões ao longo do estudo, que foram escapando a lógicas que pudessem ser fruto de um momento sem importância. Estas opções metodológicas qualitativas e longitudinais permitiram ir além da ideia generalizada, inclusive sustentada por outros estudos quantitativos, de que os jovens desta idade (15-18) não se interessariam por pensar as questões do jornalismo, da política e da democracia, isto, na linha do que foi verificado também por Amnå, Ekström, Kerr e Stattin, (2009).

Além destes aspectos, é de destacar o facto se ter encontrado parâmetros semelhantes no que respeita à opinião sobre jornalismo e política tradicional,





ou seja, sendo considerados na mesma medida de forma restrita ou alargada. É ainda de anotar o facto de o grupo de jovens com maior intensidade de participação e de consumo noticioso ter sido o que assumiu que para se fazer a triagem entre o que é rigoroso ou não no jornalismo é necessário um olhar crítico que ultrapasse as contingências do próprio *modus operandi* do jornalismo e que faça depender esse olhar crítico do sujeito e não das ações dos jornalistas.

Em termos da democratização da sociedade, é de anotar que na era da internet a televisão é encarada como *media* mais democrático, pois chega a mais pessoas tanto na acessibilidade como na capacidade de usar.

A participação dos jovens no estudo de uma forma mais aprofundada também permitiu que se sentissem mais integrados, motivados e que tinham uma palavra a dar sobre a investigação. Desta forma, foi possível desafiar a ideia pré-concebida de que os jovens não se interessariam por temáticas como o jornalismo e a participação, tendo mantido importantes níveis de participação ao longo do estudo, passando por fases em que eles mesmos foram *quasi*-investigadores.

Outro aspecto que nos parece ser importante destacar é o facto de que as opções metodológicas definidas terem favorecido uma análise mais fina relativamente aos espaços dos jovens mais engajados (embora neste caso sobretudo com aprofundamento de contextos e reforço de conclusões), mas principalmente nos outros contextos mais vastos onde a participação e o interesse pelas notícias não tinha traços de evidência tão marcados. Neste âmbito, as opções metodológicas qualitativas e longitudinais permitiram melhor entender as zonas mais cinzentas e ultrapassar o olhar casuístico, encontrando marcas de dinâmicas e vontades distintas dos participantes, que não eram apenas sugestões de ocasião e que poderiam escapar a uma investigação não longitudinal e não incidente em contextos específicos.

Referências bibliográficas

Brites, M.J. (2010). Jovens (15-18 anos) e informação noticiosa: a importância dos capitais cultural e tecnológico. *Estudos em Comunicação*, 8: 169-192.



- Brites, M.J. (2011). Jornais escolares e a promoção da literacia cívica e mediática: Contextos de discussão noticiosa e de prática digital. In S. Pereira (coord.) *Livro de Actas do I Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”*. Braga: CECS, Universidade do Minho.
- Brites, M.J. (2012). Jovens e informação política: A televisão ainda é importante?. In R. Figueiras (org.) *Os media e as eleições europeias, legislativas e autárquicas de 2009*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Brites, M.J. (2015). *Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação*. Covilhã: Livros LabCom. ISBN: 978-989-654-199-6.
- Amnå, E.; Ekström, M.; Kerr, M. & Stattin, H. (2009). Political socialization and human agency. The development of civic engagement from adolescence to adulthood. *Statsvetenskaplig Tidskrift*, 111(1): 27-40.
- Babbie, E. (2011). *The basics of social research*, fifth edition. Belmont: Wadsworth.
- Bernard, H.R. (2006). *Methods in anthropology (fourth edition): Qualitative and quantitative approaches*. Oxford: AltaMira Press.
- Cardoso, G.; Espanha, R. & Lapa, T. (2007). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ISCTE.
- Cardoso, G.; Espanha, R.; Lapa, T. & Araújo, V. (2009). *E-Generation 2008: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: Obercom.
- Costa, A.F. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In A.S. Silva & J.M. Pinto (orgs.) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, P.D. (2006). *Concepções de cidadania e experiências de participação na sociedade civil: Uma perspectiva do desenvolvimento psicológico*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Tese de Doutoramento em Psicologia. FPCEUP, Universidade do Porto, Porto.
- Ferreira, P.M. & Silva, P.A. (2005). *O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

- Fontana, A. & Frey, J.H. (1994). Interviewing: The art of science. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (edt.). *Handbook of qualitative research California*. Londres e Nova Deli: Sage Publications.
- Höijer, B. (2008). Ontological assumptions and generalizations in qualitative (audience) research. *European Journal of Communication*, 23(3): 275-294.
- Leote, M.J. & Serrão, J. (2008). Delinquência juvenil, justiça e media: Representações dos jovens dos Centros Educativos sobre a acção da comunicação social. *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Leote, M.J. & Serrão, J. (2009). A voz de jovens em instituição (sistema tutelary educativo): Percepção e representações de jovens dos Centros Educativos sobre os Media. In C. Ponte (edt.) *Crianças e Jovens em Notícia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lobe, B.; Livingstone, S. & Haddon, L. (edt.) (2007). *Researching children's experiences online across countries: Issues and problems in methodology*. Londres: EU Kids Online.
- Magalhães, P. & Sanz Moral, J. (2008). *Os jovens e a política*. Lisboa: Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa.
- Mathieu, D. & Brites, M.J. (2015). Expanding the Reach of the Interview in Audience and Reception Research: The Performative and Participatory Models of Interview. In F. Zeller, C. Ponte & B. O'Neill (edits.) *Revitalising Audience Research: Innovations in European Audience Research*. Routledge book séries: Nova Iorque e Oxon, 44-61. ISBN: 978-1-13-878737-7 (hbk) e 978-1-315-76282-1 (ebk).
- Marôpo, L. (2012). Acho que vão logo falar que fomos nós que fizemos: Crianças e jovens em contexto de vulnerabilidade em Portugal constroem sentidos a partir do discurso noticioso sobre a sua comunidade. *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Fortaleza, Brasil.
- Menezes, C. (2011). *Jovens, media e cidadania: Usos dos media e formas de participação cívica em estudantes do Ensino superior*. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação. Coimbra: Universidade de Coimbra.



- Ponte, C. (2011). Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. *Sociologia – Problemas e práticas*, 65: 31-50.
- Puchta, C. & Potter, J. (2004). *Focus group practice*. Londres, Thousand Oaks and Nova Deli: Sage.
- Rebelo, J. (coord.) (2008). *Os públicos dos meios de comunicação social portugueses: Estudo de recepção dos meios de comunicação social*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Ruspini, E. (2002). *Introduction to longitudinal research*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Wijnen, C.; Trültzsch, S. (2013). Participatory design as an innovative approach to research on young audiences. In G. Patriarche, H. Bilandzic, J. Linaa Jensen & J. Jurisic(Eds.) *Audience Research Methodologies: Between Innovation and Consolidation* (pp. 73-86). Londres e Nova Iorque: Routledge.

